

tinha a significação precisa de «altar de sacrificio», mas podia significar, como aqui, apenas um cipo.

Em resumo: *La- dedica esta ara a Venus Vencedora, por efeito de um sonho.*

J. L. DE V.

A inscrição da tomada de Lisboa na Sé Catedral

Quem transpõe o grande arco do pórtico principal da velha Sé olisiponense encontra, nas paredes laterais, duas inscrições com os mesmos dizeres, por uma ser cópia da outra, e ambas duma terceira que o tempo ou os desmoronamentos fizeram desaparecer. A da direita, circundada por uma estreita cercadura românica, é composta com antigos caracteres monacais; a da esquerda, alguns séculos posterior, está escrita com pequenos caracteres latinos.

À parte as abreviaturas, muito mais numerosas na primeira, diferem entre si estas duas inscrições na terminação da última palavra da segunda linha, na da terceira palavra da terceira linha, na transposição das segunda, terceira, quarta e quinta palavras da quarta linha e ainda na terminação da última palavra dessa linha.

Quem tenha sido o Prelado que quis conservar na mais antiga destas lápidas a memória do facto que uma outra anteriormente esculpida já mal podia recordar, não será porventura de fácil averiguação.

João Pedro Ribeiro diz¹ que ela não deve ultrapassar o reinado de Afonso III, e o autor dos *Quadros Históricos*, embora algum tanto por palpite, atribui-a com bastante probabilidade à época de Afonso IV², opinião de que o autor da *Lisboa Antiga* discorda, sem contudo nos dizer porquê.

Em verdade aquela inscrição, inteiramente composta com caracteres unciais, não deve ser anterior a D. Denis. O facto de ser escrita em latim não é razão suficiente para a collocarmos em época mais recuada, pois devemos ter em atenção que é cópia duma outra mais antiga. Os primeiros textos epigráficos portuguezes que conheço, completamente escritos com aqueles caracteres, são dos últimos anos do século XIII. Até então os caracteres visigóticos

¹ *Dissertações Chronologicas*, vol. II, dissert. VI, p. 14, nota.

² *A Tomada de Lisboa*, nota.

mantêm-se ainda, posto que em tam menor número quanto se vai aproximando o fim desse século, e no princípio do século xv já nas nossas inscrições eram empregados os caracteres góticos minúsculos.

Temos, pois, de colocar a feitura desta lápida entre os últimos anos do governo de D. João de Soalhães e os do seu aparentado D. João Anes, falecido em Março de 1402¹. Mas entre elles governaram a Sé Oisiponense nada menos de quatorze Prelados².

Quanto à época da mais moderna não pode haver dúvidas, visto que por baixo do 6.º verso, que termina na palavra *festo*, se declara que:

ESTES · VERSOS · LATINOS · Q̄ · ESTAÕ · NA · PEDRA
FRONTEIRA · SE TRADVIRAÕ · NO ANO · DE · 1654 ·
CONTÊ · COMO ESTA · CIDADE · FOI · TOMADA · AOS ·
MOVROS · NO · D · 1147 · Ê · DIA · D · S · CHRISPĪ

Para mais fácil comparação das duas inscrições, dou-as intercaladas. A leitura da mais moderna é a que nos deixou Castilho, a p. 302 do tomo III da sua *Lisboa Antiga*:

TŪC : ANI : DNI : CŪ : CĒTUM : MILLE : NOTĀTUR :
TVNC · ANNI · DOMIN · CVM · C · M · NOTANTVR
CŪQ(UE) : Q̄(UA)TER DEIS : Q̄TUOR : ATQ(UE) : TBU :
CVNQ · QVATER · DENIS · IIII · ATQ TRIBVS ·
CŪ : P(ER) : XCOLĪ : Ê : URBS : ULIXBŌĀ : CAPTA :
CŪ · PER · CHRISTICOLAS · EST · VRBS · VLIXBONA · CAPTA
ET : REDDITA : P(ER) : EOS : FIDEI : CATHOLICE :
ET · PER · EOS · FIDEI · REDDITA · CATHOLICAE ·

ERA : M̄ : FUIT : IIOC : DECIESQ(UE) : UIGENA :
AERA · MILENA · FVIT · IIOC · DECIESQ · VIGENA ·

V̄ : DECĒ : DĒPT'IS : IN : CSPINI : Q̄Q(UE) : FESTO :
VE DECEN · DEMPTIS · IN · CHRISPINI · QVOQ · FESTO

¹ J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa*.

² João Baptista de Castro, *Mapa de Portugal*.

Leitão de Andrada, e modernamente Júlio de Castilho, traduziram:

Então no ano do Senhor, quando se contavam mil e cento

Então, quando se contam mil e cem anos do Senhor,

com quatro dezes e quatro tres

com mais quatro vezes dez, quatro, e tres,

então foi tomada Lisboa pelos cristãos

foi quando pelos cristãos foi a cidade de Lisboa tomada,

e por eles tornada catolica¹

e por eles restituída à fé católica².

.....
Isto foi na era milésima e dez vezes vigésima²,

.....
tirando-lhe quinze, na festa de S. Crispim²

A interpretação da primeira abreviatura da 6.^a linha tem provocado dúvidas. Uns afirmam que deve ler-se *quinque*, outros pretendem traduzi-la por *unde*. Efectivamente se lhe déssemos essa primeira significação, sem nos preocuparmos com o pequeno *e* que vemos sobre o *v*, obteríamos a data 1185 da era hispânica e, segundo J. P. Ribeiro³, tendo sido a conquista de Lisboa no mês de Outubro, tanto concorda a era com o ano de 1147, «sendo o da Circuncisão, pelo cálculo Pisano, como o da Encarnação, principiando a 25 de Março, segundo o cálculo Florentino».

Parece-me, no entanto, que pouco pode interessar a resolução deste problema, pois na primitiva inscrição não existiam os dois últimos versos:

«E isto mesmo e com as mesmas formais palavras diz o outro letreiro de fora da porta principal com letras góticas mas muito inteiras. E *com mais dous versos* que ainda declaram melhor, que dizem: *Aera milena*», etc.⁴

¹ Leitão de Andrada, *Miscellanea do sitio / de N. S.^a da Luz do Pedrogão / Grande /*, etc.

² Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, t. III, p. 303.

³ *Ob. cit.*, vol. II, dissert. VI, p. 14.

⁴ Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea*, etc.

Havia pois um outro letreiro, escrito porventura em época bastante próxima dos factos que memorava. Viu-o ainda Leitão de Andrada, posto que já restaurado, ou «reformado por estar muito gasto». Estava então, isto é, no século XVII, «dentro na porta travessa da Sé, mais chegado ao púlpito, da banda do mar».

Tem-se feito uma certa confusão entre essa inscrição e as actualmente existentes, chegando a afirmar-se que se achava «separada em duas a preciosa lápide», encontrando-se o fragmento que encerrava os versos *Aera milena*, etc., fora da porta principal¹.

Ora o que nos diz Miguel Leitão de Andrada, na sua *Miscellanea*, é que os dizeres da inscrição primitiva, repetia-os, «com as mesmas formais palavras», o que estava, e está, «fora da porta principal com letras góticas», mas com mais dois versos, etc, «que dizem *Aera milena*», etc. E assim deve ser, pois nem a pedra apresenta vestígios de fractura, nem as letras mostram indícios de restauro, antes estão «muito inteiras» e são autênticos caracteres do século XIV.

A inscrição que estava «fora da porta principal», escrita «com letras góticas», é pois a que ali vemos e evidentemente esse «outro letreiro» a que se refere Andrada. A primitiva deve ter desaparecido com a derrocada de 1755, ou estará talvez sob os rebocos da desgraçada restauração que tanto encantou o beneficiado Morganti.

Pode surgir naturalmente a dúvida da existência de duas inscrições comemorando o mesmo facto, escritas em épocas relativamente próximas, pois não é crível que dois séculos apenas fôsem tempo suficiente para apagar os caracteres da primitiva. Escreveram a segunda pelo mesmo motivo que depois gravaram a terceira, isto é, por não lhes saberem ler os caracteres arcaicos. No século XIV haviam esquecido já os velhos caracteres visigóticos, como no século XVII já difficilmente sabiam interpretar os belos unciais do século XIV.

J. M. CORDEIRO DE SOUSA.

Conocemos tipos humanos fósiles no sólo más primitivos que las razas más inferiores de la actualidad, sino que incluso muestrase caracteres indiscutiblemente pitecoides.

H. OBERMAIER, *El hombre fósil*, 2.ª ed., p. 351.

¹ Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, tomo III, cap. XX, p. 302.